

## **“Mas é importante quando preciso fazer relatórios”: uma discussão acerca do escrever nos cursos de licenciatura**

**Camila Thaisa Alves**

Universidade Regional de Blumenau

camila.thaisa@terra.com.br

**Resumo.** *Esta investigação pretende compreender os discursos sobre escrita que circulam na academia. A pesquisa tem como sujeitos quatro acadêmicos que estavam concluindo o segundo semestre de um curso de Licenciatura. Fizemos a seleção desses sujeitos por terem cursado a disciplina Produção de Texto I e II. Cursando essas disciplinas, os sujeitos tiveram contato com a escrita na academia. A geração de registros deu-se através de textos escritos pelos sujeitos. Esses textos foram produzidos através de um comando proposto aos sujeitos. Os dados foram analisados na perspectiva da análise do discurso. Os dizeres dos sujeitos nos levam na direção da escrita vinculada a funções específicas, não sendo algo que permeia toda a rotina acadêmica. Após a análise dos dados, pudemos perceber que a noção de escrita dos acadêmicos ainda traz os ecos da escrita do ensino básico.*

**Abstract:** *This research intends to understand the discourses about writing that circulates in the university. The research has, as subjects, four university students that was concluding the second semester of a superior course. The selection of these subjects was made because they did the text production disciplines. After this disciplines, the subjects had in touch with the academic writing. The data analyzed was obtained by texts written by the subjects. These texts were made through a command purposed to the subjects. The data was analyzed on the discourse analysis perspective. These data point to the writing related to specific functions, do not being something that is part of the academic routine. After the analysis, we could perceived that the writing notion of the students still brings influences of the basic education.*

**Palavras-chave:** licenciatura; noção de escrita; universidade.

### **1. Palavras iniciais**

Este artigo contempla um recorte de uma pesquisa maior e está vinculada à linha de pesquisa “Discurso e Práticas Educativas” do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau. Este recorte aqui abordado tem como foco a análise dos registros gerados por um teste-piloto da já referida investigação. Este teste foi realizado com o intuito de tentar obter subsídios preliminares que guiassem a pesquisa maior. O objetivo principal da pesquisa principal é compreender os discursos sobre escrita que circulam no espaço das licenciaturas de uma universidade em Santa Catarina. Este objetivo estende-se, também, a este artigo.

O enfoque metodológico desta pesquisa está relacionado ao paradigma qualitativo de investigação. Entendemos que haja esse vínculo especialmente pelo

objetivo deste tipo de pesquisa, citado por Bogdan e Biklen (1994, p.53): “(...) compreender o significado que acontecimentos e interações têm para pessoas vulgares<sup>1</sup> em situações particulares.” O que buscamos, nessa investigação é compreender os sentidos de escrever para acadêmicos de Licenciaturas através de falas deles sobre experiências vividas nesse espaço acadêmico. Esses dizeres evocam, ainda concordado com Bogdan e Biklen (1994, p. 54), do “(...) componente subjetivo do comportamento das pessoas”, que é o que nos interessa aqui.

Os registros que analisamos neste artigo foram obtidos através de um comando escrito respondido por acadêmicos que haviam concluído as disciplinas de produção de texto oferecidas pela instituição-sede desta investigação. Estas disciplinas são duas – Produção de Texto I e II – e são oferecidas nos dois primeiros semestres em todos os cursos de licenciatura. São, ambas, parte das disciplinas obrigatórias aos cursos na modalidade licenciatura. Os sujeitos que responderam ao comando são três acadêmicos do curso de Química. Optamos por esses sujeitos por acreditarmos que, após freqüentarem, por dois semestres, uma disciplina essencialmente voltada para a produção de textos acadêmicos, teriam condições e vivências que os pudessem ter auxiliado a conferir sentido à escrita na academia. O comando respondido pelo acadêmicos constituía-se no seguinte:

Você já participou da disciplina Produção de Texto I e está concluindo a disciplina Produção de Texto II. Durante a sua vida escolar/acadêmica, você já teve contato com a escrita em muitos momentos. Olhando para sua experiência como acadêmico, o que significa, para você, escrever no espaço da Universidade?

Tivemos acesso aos sujeitos do teste piloto através de um acadêmico de Licenciatura, que freqüentava, na época, a disciplina Produção de Texto II. Esse acadêmico promoveu encontro entre a pesquisadora e os sujeitos, encontro esse ocorrido durante um intervalo de aulas.

Observaremos os dados à luz da Análise do Discurso (ou simplesmente AD), que procura compreender como se dá a articulação entre o discurso, a língua, o sujeito e a História (GREGOLIN, 2004): o discurso, um percurso que não se esgota em uma situação particular, tem como base a língua, um “tesouro de signos” (GADET e PÊCHEUX, 2004) que só tem sentido se foram trocados. Os discursos que poderão ser observados através dos dizeres dos acadêmicos vêm em forma de texto que, de acordo com Orlandi (2001, p.16), são a “unidade fundamental da linguagem”, uma maneira de observar a relação, sempre aberta, mutável, que o sujeito estabelece entre si e o mundo.

A seguir, iniciaremos o processo de compreensão do que está por trás dos dizeres dos acadêmicos sobre escrita. Esses dizeres, antecipamos, apontam para dois caminhos: a escrita como ferramenta para a produção de trabalhos acadêmicos e como expressão de idéias.

## **2. A escrita e seus múltiplos sentidos**

Nos dizeres dos acadêmicos, muito são os sentidos para o escrever. Esses sentidos podem ser divididos em três blocos, que serão aprofundados a seguir. O primeiro

---

<sup>1</sup> “Vulgares”, aqui, utilizado por Bogdan e Biklen no sentido de “comuns”.

discute o dizer de Joana, focando na relação que a acadêmica estabelece entre a escrita e os gêneros textuais. O segundo bloco discute os dizeres de Anita e Fabíola, que podem conter indicações de uma possível concepção de linguagem embutida nos dizeres sobre escrita. O último bloco aborda os dizeres de Janete, que fala da relação dela com a escrita acadêmica, mencionando, nesta relação, uma divisão entre texto e gramática.

## 2.1 Escrita e gêneros textuais

*Joana: Eu não utilizo muito a escrita no meu curso. Somente números. Mas é importante quando preciso fazer relatórios e TCC<sup>2</sup>s.*

O pequeno texto acima é a resposta da acadêmica Joana ao comando que apresentamos anteriormente. A acadêmica foi um tanto reticente quanto ao fato de ter de escrever a resposta na folha na qual constava o comando, afirmando que “escrever é muito difícil” (nota de campo). Essa atitude já pode nos dar uma pista sobre o sentido de escrita evocado por Joana, apontando para uma barreira entre Joana e o ato de escrever no curso que frequenta. Essa possível barreira pode estar ligada à primeira oração da resposta de Joana: *Eu não utilizo muito a escrita no meu curso*. Aparentemente, Joana diz que a escrita tem um papel secundário em sua vida acadêmica, como se não fosse freqüente na rotina acadêmica. Contudo, esse papel periférico apontado por ela é confrontado mais adiante – *Mas é importante quando preciso fazer relatórios e TCCs*. Discursivamente, essa valoração conferida por Joana pode ser marcada pelo advérbio *muito* que, apesar de normalmente referir-se à freqüência constante, aqui é modalizado pelo uso de outro advérbio, o *não*, que remete à escassez. Do outro lado, o uso do adjetivo *importante*, que possivelmente confere um grau de relevância elevada, em conjuntura com a citação de dois gêneros discursivos (relatórios e TCCs), pode apontar para o reconhecimento de que, apesar de não ser algo corriqueiro, para Joana a escrita tem utilidade restrita à situações específicas. Em relação à temporalidade, ela também pode estar presente nos dizeres de Joana através do uso do advérbio *quando*, tempo indeterminado. A escrita pode não ser freqüente, porém o conector *mas* aponta para o outro lado – há situações em que o escrever tem um lugar.

Os dizeres de Joana sobre a escrita podem ser parte da formação discursiva, ou seja, do que pode ser dito em determinada posição ideológica (ORLANDI, 2001), do contexto no qual a acadêmica está inserida. A escrita, neste sentido, pode ocupar um lugar secundário porque as ideologias do contexto mais imediato, o curso de Química, podem indicar este papel para o escrever. Ideologias, neste viés, são um conjunto de práticas necessárias à reprodução das relações de produção (ALTHUSSER, 1998). Para formar químicos, apontar regras que mostrem como age um químico, ou que conhecimentos fazem parte do acervo do qual um químico deva dispor, são ações que se espera, para que as relações de produção, o reconhecimento do ator social do seu lugar na e do lugar do outro na textura social, possam ser reproduzidas. A formação discursiva na qual a acadêmica está inserida, então, influenciou os efeitos de sentido produzidos por ela a partir da reflexão sobre escrita.

Joana cita dois gêneros textuais em seus dizeres: o relatório e o TCC. Segundo Dolz e Schenewly (2004), gêneros textuais são textos relativamente estáveis que circulam na sociedade. Existem alguns pontos que fazem com que um texto seja um

---

<sup>2</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

relatório ou TCC, e estes elementos é o que transformam o texto em um gênero, que pode ser agrupado em torno de uma função social. O lugar social do qual Joana fala, talvez estes sejam dois gêneros significativos. Ao dizer que usa a escrita para fazer relatórios ou TCCs, Joana aponta para a escrita como um instrumento. Ainda de acordo com Dolz e Schenewly (2004), instrumentos são construtos sociais que permitem que se possa interferir em determinado contexto. A escrita, neste sentido, pode ser um instrumento a ser utilizado para construir um determinado gênero em determinada situação.

## 2.2 Escrita e expressão

Anita e Fabíola, que também responderam ao comando, não citam um gênero específico, mas escrevem sobre uma possível razão para escrever.

*Anita – Significa o conhecimento, estudo, expressão.*

*Fabíola – Significa expressar as próprias idéias.*

Ao escolher as palavras expressar e expressão, Anita e Fabíola apontam para a escrita Tanto uma como outra palavra, em estado de dicionário, indicam para “a manifestação do pensamento através da palavra ou gesto” (HOUAISS, 2001, p. 1289). O uso destas palavras nos remetem à Geraldi (2001), que diz que podemos pensar em três concepções de linguagem. A primeira é a linguagem como expressão do pensamento, a segunda é a linguagem como fator comunicacional e a terceira a linguagem como interação. A primeira concepção de linguagem é construída através do conceito de expressão. Neste caso, a linguagem seria uma estrutura que permite os pensamentos sejam formulados e manifestados. Esta manifestação, porém, pode não levar um interlocutor em consideração. A linguagem, neste viés é organizadora do pensamento e uma forma de exprimi-lo, é algo solitário, algo que acontece no interior do sujeito, dele e para ele. Neste sentido, expressar as idéias pode querer dizer transportar para o social aquilo que fazia parte do pessoal, sem, porém, levar o outro em conta neste processo. O outro, neste sentido, passa a ser um ouvinte passivo.

Dizer que escrever é expressar as próprias idéias pode ser dizer que escrever é externalizar um pensamento. O que nos intriga, neste processo, é o papel do outro. Ao lermos que escrever é expressar uma idéia, temos a impressão de que esta idéia é algo muito particular do sujeito, algo que ele concebeu sozinho. Assim, a relação que estabelecemos entre os dizeres de Anita e Fabíola com a primeira concepção de linguagem desenvolvida por Geraldi reside justamente no papel do outro na construção da idéia a ser expressa – aparentemente, esta construção é solitária, e o outro pode ser um elemento apenas receptivo nesta construção.

## 2.3 Escrita: gramática e conteúdo

A separação entre gramática e texto é um aspecto que Janete levanta na resposta ao comando.

*Janete - Como qualquer outro espaço, na Universidade também tenho dificuldades com a escrita. Não só na Gramática mas também no conteúdo.*

Janete fala de dificuldade. Ao falar disto, separa o a gramática do “conteúdo”. Esta separação também pode ter fundo na memória discursiva de Janete, indicando que

a universidade não está tão longe assim do ensino médio e fundamental. A separação entre o dito conteúdo de texto e a gramática é uma abordagem do texto comum durante o aprendizado da escrita no ensino básico.

Ao observarmos os livros didáticos e apostilas utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, podemos perceber que a organização da maioria deles está pautada na divisão entre gramática normativa e produção de textos. Baseados neste aspecto, lemos o pequeno texto que Janete escreveu. Quando a acadêmica diz que tem dificuldades na escrita, tanto na gramática quanto no conteúdo, Janete separa, tal como os livros didáticos, a língua portuguesa em duas vertentes. Neste viés, talvez a memória discursiva de Janete quanto à escrita ainda evoque, quando se trata de escrita, a língua portuguesa abordada no ensino básico, o que indica que esta acadêmica de certa forma não foi atingida pela disciplina de produção de texto. As ementas destas disciplinas são a seguir mencionadas.

### **3. A escrita e os ecos**

Ao olharmos os dizeres de Joana, Anita, Fabíola e Janete, podemos perceber que os dizeres sobre escrita vêm de lugares diferentes. Para que possamos nos aprofundar neste ponto, é necessário que voltemos ao contexto no qual estas acadêmicas estão inseridas – as disciplinas de produção de texto. Para tanto, abaixo trazemos as ementas destas disciplinas:

#### Produção de Texto I – EAL<sup>3</sup> – 36 horas/aula (1ª fase)

Ementa: Leitura, interpretação e produção de diversos gêneros textuais. Noções básicas de produção de textos da esfera acadêmica. O resumo, a resenha – linguagem, características e estrutura. Relações de sentido. Língua, identidade e cidadania. Inserção no cotidiano escolar da Educação Básica.

#### Produção de Texto II – EAL – 36 horas/aula (2ª fase)

Ementa: Leitura, interpretação e produção de diversos gêneros textuais. O ensaio/paper, o relatório, o artigo científico – linguagem, características e estrutura. Relações de sentido. Língua, identidade e cidadania. Inserção no cotidiano escolar da Educação Básica.

As ementas acima aparecem em um documento que regulamenta os cursos de licenciatura da instituição-campo desta pesquisa e foram transcritas tal como constam no documento. A ementa nos permite dizer que Joana foi atingida pela disciplina, já que menciona a escrita vinculada aos gêneros textuais. Os gêneros que cita não aparecem nas ementas, porém o fato de reconhecer os gêneros nos permite dizer que ela construiu uma noção de escrita no viés dos gêneros textuais. Anita, Fabíola e Janete talvez ainda tragam os ecos do ensino de língua materna do ensino médio, mencionando o texto como expressão de idéias e a separando a gramática da construção textual. Estes elementos indicam que Anita, Fabíola e Janete ainda trazem consigo uma noção de escrita pertencente ao espaço da escola.

Neste sentido, podemos dizer que, apesar de estarem inseridas em um contexto universitário, as experiências de escrita vividas no ensino básico ainda são marcantes, o que indica que a disciplina de produção de texto, que procura dar subsídios para a

---

<sup>3</sup> Eixo Articulador das Licenciaturas: as disciplinas pertencentes a esse eixo são comuns a todos os cursos de Licenciatura oferecidos pela instituição-campo desta pesquisa, sendo o caso das disciplinas *Produção de Texto I e II* e *Pesquisa em Educação*.

construção de textos acadêmicos, não tem conseguido atingir o objetivo ao qual se propõe.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 3. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1987. 127, [1]p. (Biblioteca de ciências sociais. Política, v.25).

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto : Porto Ed, [1994]. 336p, il. Tradução de : Qualitive research for education.

GADET, Françoise; PECHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da lingüística**. Campinas : Pontes, 2004. 223 p.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001. 136 p.

GREGOLIN, Maria do Rosário F. Valencise. **Foucault e Pêcheux**: na análise do discurso : diálogos & duelos. São Carlos (SP) : Claraluz, 2004. 220 p.

HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. lxxxiii, 2922p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas : Pontes, 2001. 218p.

SCHNEUWLY, Bernard et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. 278 p. (As faces da lingüística aplicada).